

REFLEXÕES SOBRE A PASSAGEM DE AGOSTINI NO SUL DO BRASIL: O "CLUBE DO SANTO MONGE" E A "SEITA" DE VERÍSSIMO DA MAIA

Maria Eloiza Lopes Pinto¹

Resumo

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa que estou desenvolvendo junto com a professora doutora Márcia Janete Espig e o professor doutor Alexandre Karsburg, acerca da devoção popular ao monge João Maria de Agostini e dos desdobramentos de sua passagem pelo sul do país. A pesquisa denominada "Caminhos do Monge: a história da devoção popular no planalto meridional do Brasil (Séculos XIX e XX)" é financiada pela Universidade Federal de Pelotas onde atuo enquanto aluna bolsista PIBIP/UFPEL do Projeto de Pesquisa Científica - Ciências Humanas. A proposta deste projeto é compreender os desdobramentos que aconteceram no interior do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo após a passagem do monge italiano João Maria de Agostini do Brasil, em 1852. O objetivo geral desta pesquisa é a contribuição à reconstrução do processo histórico de devoção do monge João Maria no sul do Brasil. O denominado "clube do santo monge", que era um desses locais de devoção, terá seus aspectos revelados e discutidos a partir de documentação e bibliografia adequadas.

O Projeto

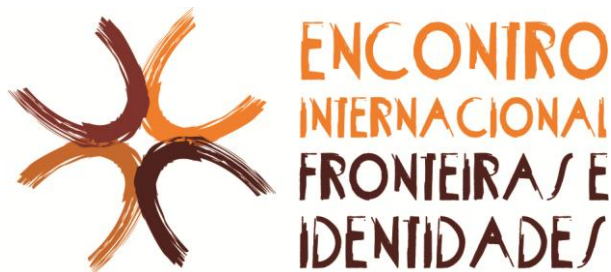
Este artigo é resultado da participação da autora no projeto denominado "*Caminhos do Monge*: a história da devoção popular no planalto meridional do Brasil (Séculos XIX e XX)".

Este foi um Projeto de Pesquisa Científica vinculado ao Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas e financiado por esta instituição (PBIP/UFPEL) e coordenado pela professora doutora Márcia Janete Espig.

A proposta do projeto foi compreender os desdobramentos que aconteceram no interior do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo após a passagem do Monge² italiano João Maria de Agostini do Brasil, em 1852. Este projeto conta com a colaboração do historiador Alexandre de Oliveira Karsburg, bolsista DOCFIX

¹ Universidade Federal de Pelotas, Graduanda em História - Licenciatura, PIBIP/UFPEL, elolopes91@gmail.com

² Segundo Nilson Thomé Monges são aqueles que se dedicam a uma vida monástica, solitariamente austera, reclusos em grutas e distantes de relações sociais. É importante mencionar que "surgimento" desses outros dois Monges, João Maria de Jesus e José Maria do Santo Agostinho, só aconteceu a partir do aparecimento e dos ensinamentos deixados pelo primeiro Monge na sua passagem pelo sul do Brasil.



FAPERGS/CAPES, que está vinculado com o Programa de Pós-Graduação da História e financiado pela FAPERGS,

Em meados do século XIX chega ao Brasil um Monge italiano chamado João Maria de Agostini. Como nos alerta Nilson Thomé, Agostini é identificado de diversas maneiras na historiografia devido às intervenções de suas passagens pelo território brasileiro. Foi conhecido pela população como “Monge do Botucaraí”, “Monge do Campestre”, ou “Monge da Candelária”, no interior de São Paulo, e no Paraná foi conhecido como “Monge do Ipanema” ou “Monge da Lapa”. Já em Santa Catarina, foi identificado simplesmente como “Monge João Maria” ou como “Monge João Maria de Agostinho” (THOMÉ, 1949). Após seu desaparecimento, homens e mulheres passaram a criar uma devoção ao Monge, reproduzindo seus ensinamentos enquanto aguardavam seu retorno.

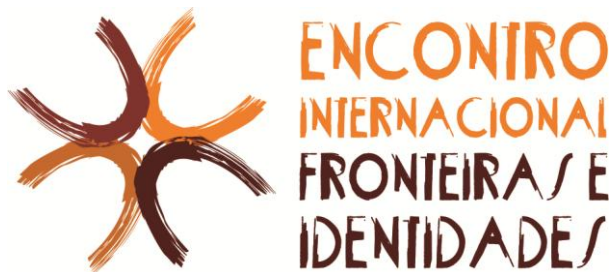
Segundo Karsburg (2012):

Cada grupo passou a interpretar a figura daquele misterioso estrangeiro de acordo com suas próprias expectativas e angústias. Nesse sentido, os médicos da província e da Corte estavam convictos de que o *monge* era um “charlatão” que ludibriava o povo ingênuo com suas falsas promessas de cura. Já o governo do Rio Grande do Sul, envolvido na pacificação, reconstrução e reconhecimento da província após dez anos de guerra civil (Revolta Farroupilha, entre 1835 e 1845), alarmou-se com a aglomeração surgida no Campestre das “águas santas”, perto da vila de Santa Maria da Boca do Monte. Tomou medidas preventivas, detendo o *monge* por considerá-lo um líder em potencial da turba que o tinha por *santo*; enviou-o, degredado, para Santa Catarina (KARSBURG, 2012, p. 21).

Estudos embasados em depoimentos e documentos foram utilizados para reconstruir o passado deste personagem histórico e os desdobramentos de sua passagem pelo Rio Grande do Sul. Nesse sentido, alguns autores foram fundamentais, como o Padre João Pedro Gay, que, em 1963, fez o primeiro relato histórico sobre o Monge publicado na Revista do Instituto Geográfico e Histórico Brasileiro (KARSBURG, 2012).

Outros autores também merecem destaque na reconstrução histórica do Monge italiano, como Hemétério José Veloso da Silveira.³ Este autor trilhou um possível caminho

³ No livro intitulado "As missões orientais e seus antigos domínios", Hemétério traz ricos detalhes acerca da vida do monge. O autor afirma a origem italiana de João Maria de Agostini e sua devoção à Santo Antão Abade, que viveu no Egito no século IV (KARSBURG, 2012).



feito pelo Monge entre São Paulo e Rio Grande do Sul. Seu trabalho serviu de suporte fundamental para os futuros trabalhos feitos em relação ao Monge João Maria de Agostini⁴.

De um modo geral, coincidem nas narrativas de que era um homem piedoso, penitente, que levava uma vida muito austera, alimentava-se de frutas e de dádivas dos moradores e servia-se de água cristalina da fonte que brotava no paredão. Entoava salmos, cantava, fazia orações em voz alta e costumava assistir missa na capela da fábrica (THOMÉ, 1949, p.29).

O objetivo geral da pesquisa foi contribuir para reconstrução do processo histórico de devoção ao Monge João Maria no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo.

O recorte horizontal

A metodologia utilizada para compreender o processo de crença no *Monge* João Maria, existente no território conhecido como planalto meridional brasileiro, é o "recorte horizontal", ou seja, para entendermos os desdobramentos da passagem do monge, é necessário que consigamos investigar aspectos sociais e culturais do período. Portanto, privilegamos os documentos de pessoas que foram contemporâneas às manifestações dos devotos do Monge Agostini, independentemente de terem sido produzidos à época ou posteriormente.

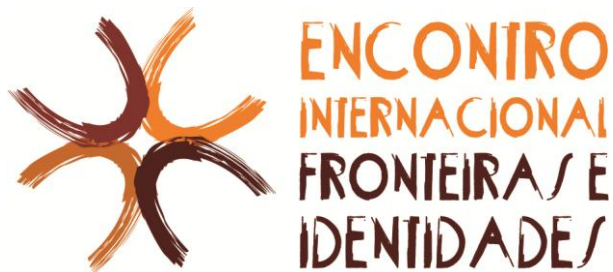
Algumas obras fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. A começar pela obra de Paulo Pinheiro Machado, intitulada *Lideranças do Contestado*. Este livro foi publicado em 2004 e já é considerado um clássico da historiografia do Contestado⁵.

Outra contribuição importante foi a tese defendida por Alexandre Karsburg em 2012. Em *O Eremita do Novo Mundo*, Karsburg traça a trajetória do Monge João Maria de Agostini no continente americano, em meados do século XIX. Através de uma forte análise documental e com o apoio teórico da micro-história, o autor produz o trabalho mais atual e profundo sobre a vida do eremita italiano⁶.

⁴ Como, exemplo, temos a tese de doutorado do historiador Alexandre de Oliveira Karsburg, defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro em 2012.

⁵ O Contestado ou Guerra do Contestado foi um conflito que ocorreu no meio oeste, no planalto central e no norte do Estado de Santa Catarina entre os anos de 1912 e 1916. Uma disputa de caráter político e religioso envolvendo a população sertaneja local contra as forças militares. A área do conflito recebe este nome pois na época do evento se encontrava em litígio envolvendo os estados de Paraná e Santa Catarina.

⁶ Outras obras também se preocuparam em relatar a vida de Agostini. Como alguns exemplos temos o livro de Antônio Francisco Gaspar chamado *O Monge de Ipanema de 1945* e o livro de Oswaldo Rodrigues Cabral denominado *A campanha do Contestado* e publicado em 1979.



No livro organizado por Sidney Chalhoub, Vera Regina Beltrão Marques, Gabriela dos Reis Sampaio e Carlos Roberto Galvão Sobrinho buscamos compreender as distintas práticas de curas no Brasil do século XVII até o início do século XX. Este trabalho reúne diversos artigos “sobre a história social das artes de curar”, “além de outros sujeitos históricos envolvidos nos embates em torno das concepções sobre saúde e doença”⁷.

Partimos para a pesquisa em documentos históricos, que aconteceu nos seguintes arquivos:

1) Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, Porto Alegre

- Fundo Polícia, Códice P-77 (Seita de Veríssimo da Maia);

- Assuntos Religiosos, Maço 10, Maço 12, Maço 13, Maço 16, Maço 21, Maço 22, Maço 24, Maço 29

2) Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre;

- Processo-crime "Clube do Santo Monge". N. 850, maço 24, Estante 142

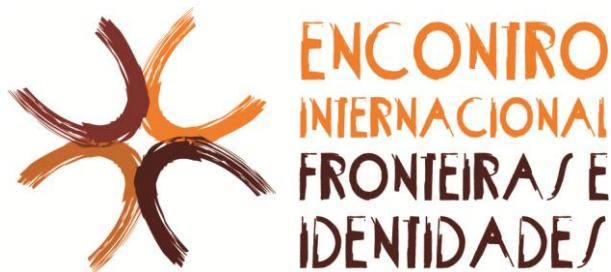
No Arquivo Público tivemos acesso ao processo-crime aberto pelas autoridades para investigar o "Clube do Santo Monge", que ocorreu na cidade de Triunfo, no ano de 1855. No Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul tivemos acesso aos documentos dos governantes de 1877, que se referiam à “seita” de Veríssimo José da Maia.

O trabalho de análise destes arquivos foi problematizado e contextualizado, ou seja, “por que”, “quando” e “por quem” foram feitos os registros. Esta avaliação é muito importante, visto que as investigações, documentos e processos-crime a respeito das aglomerações em função da presença do Monge e dos desdobramentos de sua passagem foram estabelecidos no “calor dos acontecimentos” e tinham por objetivo responder a determinadas questões que não se ligavam aos interesses dos seguidores de Agostini.

O "Clube do Santo Monge" e a "seita" de Veríssimo da Maia

De acordo com os documentos, que tratam do processo-crime do "Clube do Santo Monge", houve uma atuação das autoridades locais para reprimir as "seitas" de devoção ao Monge João Maria de Agostini. Essa repressão, contudo, não aconteceu de forma deslocada do contexto histórico. Ela está associada ao processo de cristianização da América Latina. Segundo Duglas Teixeira Monteiro (1997), aqui o processo de expansão do cristianismo

⁷ CHALHOUB, Sidney. et al. (org.), 2003, p.11



esteve regularmente associado à instauração de um poder local sobre as populações submetidas.

Mais importante do que isto: gerou uma "cristandade colonial", expressão de submissão das classes inferiores, mas, paradoxalmente, com potencialidades subversivas que se estenderam muito além dos momentos históricos da libertação política, na medida em que, apesar desta, persistiram estruturas sociais e econômicas opressivas (MONTEIRO, 1997, p. 41).

Os documentos de governantes referentes à "seita" de Veríssimo José da Maia revelam que este foi um peregrino⁸ e curandeiro⁹ inspirado por Deus. Foi perseguido e morto em 1876 na cidade de Passo Fundo. Não recebeu apoio somente da população pobre, teve proteção de pessoas influentes, como um vereador da cidade de Cachoeira do Sul.

O povo não acreditava na medicina tradicional. O diagnóstico que os médicos forneciam não era aceito pela população, pois estava muito distante da sua realidade. Diante desse quadro procuravam outras práticas curativas. No entanto, no século XIX, como bem nos elucidou Karsburg (2012),

os médicos acadêmicos buscavam ter o exclusivo direito no exercício da arte de curar, estando, portanto, em plena campanha contra práticos e curandeiros, lutando contra estes agentes e esperando que o Estado os auxiliasse nesse combate (KARSBURG, 2012, p. 74).

Paralelo à passagem de Veríssimo da Maia, está ocorrendo um episódio na cidade de Saporanga conhecido como "Os Mucker"¹⁰. As autoridades locais começaram a confundir o curandeiro com os seguidores de Jacobina Maurer, líder do movimento.

O estudo dos documentos nos mostram que muitos foram os homens e mulheres que acreditaram no poder de cura do Monge João Maria de Agostini. E, de acordo com Karsburg (2012), a busca pela cura e o processo de devoção ao eremita não partiu apenas das classes mais pobres, mas de qualquer pessoa, independente de sua classe social. "A crença no poder curativo das águas não pode ser uma característica cultural de um grupo social específico: era algo compartilhado, em menor ou maior grau, por todos (Idem, 2012, p. 35)". A mesma

⁸ Eram homens que andavam a pé pelos sertões através de estradas existentes nos campos e matas (THOMÉ, 1949, p. 21).

⁹ Exerciam a arte de curar através das rezas, benzeduras, plantas ou feitiçarias (THOMÉ, 1949, p. 21).

¹⁰ "Os Mucker" foi um dos movimentos messiânicos mais importantes da América Latina. O evento ocorreu entre 1872 e 1874 em uma colônia de protestantes alemães. Jacobina Maurer inicia o movimento anunciando seu contato com o sobrenatural e profetizando o futuro. As forças policiais liquidaram com a comunidade protestante e exterminou todos os focos de resistência. (THOMÉ, 1949).



análise é feita quando nos referimos à seita de Veríssimo da Maia. O curandeiro, inspirado pelos ensinamentos de João Maria de Agostini, recebeu apoio e proteção de políticos locais.

Paulo Pinheiro Machado em sua obra denominada *Lideranças do Contestado* afirma que o Monge João Maria de Agostini "tinha uma relação bem próxima com a estrutura oficial da Igreja Católica" (MACHADO, 2004, P. 164). Segundo Machado:

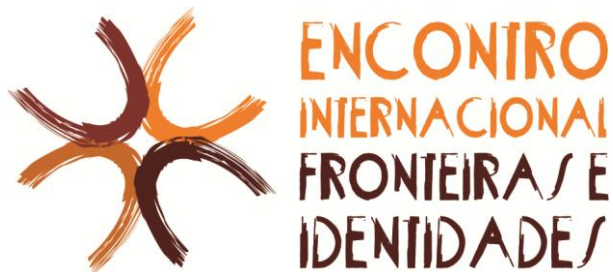
Ao que parece, os sacerdotes católicos que conheceram João Maria de Agostinho tinham-no como um homem leigo e penitente, com algum conhecimento razoável do evangelho, útil para atingir almas dos sertanejos mais simples, alguém que poderia coadjuvar, sem problemas o trabalho da Igreja (MACHADO, 2004, p.165).

Apesar desta relação de "amizade e colaboração" entre o Monge e a Igreja Católica, o mesmo não se poderia dizer em relação as autoridades civis e políticas. Ao problematizar a passagem de outros missionários estrangeiros no Brasil, Karsburg expõe casos de frades que passaram a desrespeitar as leis oficiais. Isto por que os governos imperiais esperavam que os missionários auxiliassem na pacificação do sertão servindo de instrumento religioso para o controle político e social de manutenção da ordem. No entanto, muitos desrespeitavam as leis seculares e passavam a agir com autonomia em relação ao governo. Esta situação gerava o desconforto para as autoridades, que viam seus interesses colidirem com as pretensões dos missionários.

A análise do processo traz outra questão a ser discutida aqui. O exercício religioso que os indivíduos reproduziam a partir do comportamento e dos ensinamentos deixados pelo Monge. A primeira testemunha do processo revela a pretensão dos envolvidos em construir uma capela, lugar onde iria pregar suas práticas. A reprodução e ressignificação dos ensinamentos do Monge foi o resultado mais importante de sua passagem pelo sul da Brasil. Karsburg (2012), em sua obra, percebeu que João Maria de Agostini ensinava meios para que todos alcançassem a salvação. A cultura da penitência, baseada em peregrinações a locais consagrados pelo eremita, incluindo romarias pelas trilhas da *via-sacra* e orações aos pés de cada cruz, prescindia do clero e das irmandades administradas pelos detentores do poder.

Segundo a historiografia há pelo menos três monges, como destaca Karsburg, (2012):

[...] o primeiro deles, o *monge* italiano João Maria de Agostini, peregrino que esteve no Brasil em meados do século XIX; o segundo, inspirado no anterior, aumentou o prestígio do nome, ficando conhecido como *monge* João Maria de Jesus, atuante em todo planalto meridional brasileiro entre 1893 e 1906; e um terceiro, denominado José Maria de Santo Agostinho, sendo o único dos *monges* a ter realmente participado da Guerra do Contestado (KARSBURG, 2012, p. 12).



Diante disso viu-se a necessidade de estudar autores que fizeram estudos acerca da guerra do Contestado, pois a passagem do primeiro Monge pelo Sul do Brasil foi fundamental para a construção dos dois outros Monges e da identidade dos sertanejos do Contestado. Os devotos de Agostini passaram a reproduzir seus ensinamentos e seu comportamento enquanto aguardavam seu retorno.

Conclusões

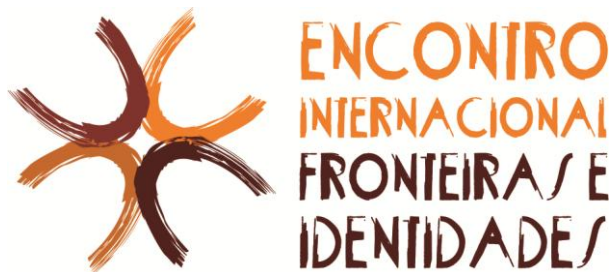
Os dois eventos explanados neste trabalho, nunca foram pesquisados e são, portanto, inéditos para a historiografia brasileira. A formação dessas comunidades autônomas ao poder eclesiásticos, da Igreja e do Estado são um dos exemplos mais claros dos desdobramentos da passagem de João Maria de Agostini no sul do país.

As práticas de cura ensinadas por João Maria de Agostini e reproduzida por seus discípulos¹¹ colocaram em xeque o discurso científico tradicional, que era defendido como oficial por grandes setores da sociedade, sobretudo urbanos.

A medicina do Brasil colonial teve como base sociocultural as influências indígenas, africanas e europeias. Segundo Luiz Otávio Ferreira, as práticas de cura, ao longo do século XIX eram promovidas por curandeiros, feiticeiros, raizeiros, benzedores, padres, barbeiros, parteiras, sangradores, boticários e cirurgiões. A medicina culta se confundia com a medicina popular (CHALHOUB; MARQUES; SAMPAIO; SOBINHO, 2003, p.102). Temos, nesse período, o início da institucionalização da medicina, a partir das tendências europeias que afastou essas duas culturas médicas. A partir daí, houve uma “pretensão dos médicos em assumir o monopólio da arte de curar”.

As “águas santas”, que geraram aglomerações de pessoas no ano de 1848 no interior do Rio Grande do Sul, eram procuradas para curar diversos tipos de enfermidades. A notícia sobre essas águas milagrosas, repercutiu nos jornais, entre os chefes políticos e na Igreja. Sob ordem do, então, presidente da província gaúcha, foram feitas análises para comprovar os princípios medicinais dessas águas. O resultado das análises feitas mostrou que eram apenas águas potáveis, o que não diminuiu a crença popular nos seus poderes e nas práticas de João Maria de Agostini (KARSBURG, 2012). Estes curandeiros, tanto João Maria de Agostini

¹¹ Outros movimentos que surgiram a partir da passagem de João Maria de Agostini também tiveram homens que reproduziam os seus ensinamentos. O movimento religioso conhecido como Canudinho de Lages, em 1897, teve Francelino Subtil de Oliveira e Miguel Lucena de Boaventura como discípulos no monge italiano.



quanto Veríssimo da Maia, foram considerados charlatães pelas autoridades, induzindo a um mundo de curas que não era desacreditado pelo saber científico. Contudo, há um aspecto social que devemos destacar. Pois no início do século XX, havia um “ingrediente indispensável de poções como a água da Inglaterra ou água inglesa, que atravessou século sendo empregada como remédio para quase todas as enfermidades” (CHALHOUB; MARQUES; SAMPAIO; SOBINHO, 2003, p.199). Estas águas eram usadas, sobretudo na cidade, e nunca tiveram seus princípios curativos analisados.

O surgimento dessas seitas marca também uma resistência cultural à institucionalização da medicina acadêmica no Brasil durante o século XIX. Desequilibraram as estruturas de poder, já que o verdadeiro e o falso são discursos socialmente construídos e a partir do momento que a população sertaneja cria certa autonomia em relação ao processo de cura e a desacreditar no conhecimento da medicina passam a assustar e incomodar tanto a Igreja como o Estado. A polícia, então, investiga e reprime o surgimento destas “seitas”.

Referências Bibliográficas

CHALHOUB et al. (org.). **Artes e ofício de curar no Brasil: capítulos de história social**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

ESPIG, Márcia Janete (Org.). **Notícias de uma Guerra Centenária: o Movimento do Contestado através do jornal A Federação (1912-1916)**. São Leopoldo: Oikos, 2013.

FACHEL, José Fraga. **Monge João Maria: recusa dos excluídos**. Porto Alegre; Florianópolis, Editora da UFRGS; Editora da UFSC, 1995.

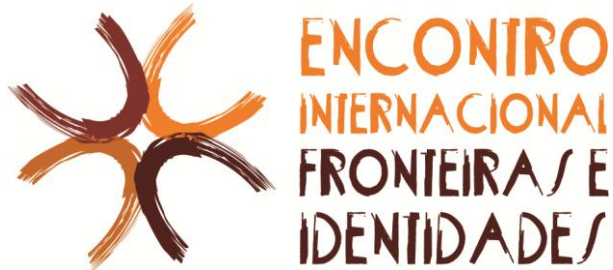
FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas Técnicas para o Trabalho Científico: Explicitações das Normas da ABNT**. - 16. ed - Porto Alegre: Dáctilo Plus, 2012.

GAY, João Pedro. **História da República Jesuítica do Paraguai, desde o descobrimento do Rio da Prata até os nossos dias, ano de 1861**. 2ª. Edição anotada. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942.

KARSBURG, Alexandre de Oliveira. **O Eremita do Novo Mundo A trajetória de um peregrino italiano na América do século XIX (1838-1869)**. 2012. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

LOPES, Luís Carlos. **O lugar dos arquivos na cultura brasileira**. *Ciências e Letras*, Porto Alegre, n.31, p. 177-186, jan./jun. 2012.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)**. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.



MONTEIRO, Douglas Teixeira. **Os errantes do novo século: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado.** São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1974.

QUEIRÓZ, Maria Isaura Pereira de. **La Guerre Sainte au Brésil: le mouvement messianique du Contestado.** São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1957, Boletim n. 187.

QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **Messianismo e conflito social (a guerra sertaneja do Contestado - 1912-1916).** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SILVEIRA, Hemetério José Velloso da. *As Missões Orientais e seus antigos domínios.* Porto Alegre, ERUS, 1979 (1ª edição de 1909).

Simpósio Nacional do Centenário do Movimento do Contestado: História, Memória, Sociedade e Cultura no Brasil Meridional, 1912 - 2012, 29 a 31 de agosto de 2012, Pelotas: Editora e Gráfica Universitária, 2012.

THOMÉ, Nilson. **Os Iluminados: personagens e manifestações místicas e messiânicas no Contestado.** Florianópolis: Insular, 1999.